

O CORPO COMO TELA: Os Xerente, Karajá e Javaé

Iorrayne Vieira Marques*

Curso Graduação em História

Bolsista PIBIC/UEG

Campus Ciências Sócio-Econômicas e Humanas – CCSEH (Anápolis)

Universidade Estadual de Goiás

Poliene Soares dos Santos Bicalho

Curso Graduação em História

Campus Ciências Sócio-Econômicas e Humanas – CCSEH (Anápolis)

Universidade Estadual de Goiás. Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiá, Anápolis - GO,

75110-390

RESUMO: Frequentemente, no nosso dia a dia, nos deparamos com produtos ou *designers* que são inspirados na cultura material indígena, que resulta, entre outros no conjunto de ferramentas e matérias-primas que são utilizados para confecção de pinturas e/ou cestarias no geral. Já a cultura imaterial pode ser definida pelos aspectos não materiais, como: os costumes, a religião, as artes, o folclore, o mito, as danças etc. Neste sentido, ressalta-se que as vestimentas e indumentárias estão diretamente relacionadas à eficácia simbólica (STRAUSS, 2008) dos rituais e crenças indígenas. Logo, não há por que duvidar da eficácia de certas práticas mágicas indígenas. Após a identificação e análise de alguns rituais indígenas, relativos ao nascimento, casamento e morte, entre outros, durante os quais é recorrente o uso de uma indumentária elaborada, composta basicamente de pinturas corporais e plumagens, se verificou que o material utilizado para essas pinturas são tintas feitas com corantes vegetais, como urucum, jenipapo, pó de carvão, pau-de-leite e calcário. Sabe-se também que a pintura é usada por algumas etnias como uma forma de distinção de grupos sociais dentro de uma determinada sociedade indígena.

Palavras-chave: Indumentárias. Indígenas. Pinturas.

Introdução

O corpo é, na verdade, o primeiro tipo de tela usada pelo homem, sendo utilizado para arte antes mesmo das pinturas em paredes de cavernas, pelo homem Neanderthal. Tais representações corporais possuíam um significado cultural relevante, e podiam ser usadas em celebrações festivas, por exemplo. Entre muitas etnias, é utilizada como uma forma de distinguir a divisão interna dentro de uma determinada sociedade indígena, como um meio de indicar os grupos sociais nela existentes, embora existam etnias que utilizam a representação corporal segundo suas preferências.

A identidade pessoal e social (segundo o sexo, idade, atribuição de nome, status político, papel cerimonial) também é comunicada através de uma linguagem simbólica consubstanciada no uso de objetos durante os rituais. Os significados desses símbolos nem sempre são explícitos ou conscientes para os próprios atores sociais. Entre os grupos macro-Jê, em que a ênfase da ação social e da cosmologia é colocada na organização social, a parte mais elaborada da cultura material tem como referente as regras de estruturação da sociedade (RIBEIRO, 1992, pág. 22).

A pintura corporal utiliza tintas naturais, provindas de árvores e frutos. O Jenipapo é coletado ainda verde, retira-se então seu líquido, que quando entra em contato com a pele, transforma-se em uma tinta preta que pode durar até duas semanas (durando no mínimo uma semana). A semente do urucum também é muito utilizada, ela solta uma tinta avermelhada na pele, além do pó de carvão, que é espalhado no corpo sobre uma camada de suco de pau-de-leite; e o calcário, do qual se extrai a cor branca; porém, existem outras maneiras de realizar a pintura corporal. Cada etnia possui um modo e uma técnica, há, por exemplo, grupos que utilizam um tipo de tinta em crianças e outro tipo de tinta em adultos.

A arte corporal com pintura é individual e única de cada grupo indígena, possuindo diversos significados e motivos pelo seu uso. As principais etnias estudadas foram os Karajá, Xerente e Javaé, pois esses povos têm uma cultura rica e mantêm rituais e festas ornamentadas com pinturas e plumárias. Povos especificamente do cerrado, que chamam atenção pela luta para a sobrevivência desde os contatos com os colonizadores.

Material e Métodos

O presente trabalho está focado na identificação das pinturas corporais indígenas do cerrado goiano. Realizou-se uma revisão bibliográfica relativa ao tema, para a qual foram usados referências de diversos autores e fontes, juntamente com pesquisas on line e encontros com a orientadora, e os demais bolsistas vinculados ao projeto¹, para facilitar a compreensão de textos mais densos, onde compartilhávamos novas descobertas de autores que poderiam ser úteis.

Resultados e Discussão

Entende-se que as vestimentas utilizadas pelos índios, em geral, estão relacionadas às necessidades climáticas e aos seus rituais e festas. As roupas que os indígenas utilizam são confeccionadas com materiais naturais; pele de animais e folhas, por exemplo. Por isso, as roupas costumam ter cores neutras e naturais.

Os xerente são um grupo indígena que habita a margem direita do Rio Tocantins, próximo à cidade de Tocantinópolis no estado do Tocantins. Sua população,

¹ VESTIMENTAS INDÍGENAS EM GOIÁS: Da pintura às plumagens. Orientadora: Poliene Soares dos Santos Bicalho.

atualmente, é de quase 1.800 pessoas distribuídas em 33 aldeias que integram as reservas indígenas Xerente e Funil, com 183.542 hectares de área demarcada.

Preto, vermelho e branco são as cores da ornamentação corporal básica entre os xerente. O preto é conseguido com o carvão pulverizado, misturado ao pau de leite, previamente colocado sobre folha lisa como a da bananeira, por exemplo. O pintor, Dasisdanârkwa apóia folha sobre a palma da mão e, ali, mistura as tintas. O corpo untado com óleo de babaçu, recebe as grandes listras e os detalhes em preto que lhes são impostos com a ajuda de uma espátula de taquara, de carimbos esculpidos em pedaços de miolo da tora de buriti ou feitos de pequenas pontas de cabaça ou de um talo miúdo da folha do buriti, conforme o padrão desejado (SILVA & FARIAS, 1992 p. 98).

Os índios utilizam a pintura corporal como meio de expressão ligado aos diversos manifestos culturais de sua sociedade. Para cada evento há uma pintura específica: luta, caça, casamento, morte.

Os Karajá, vivem na região do rio Araguaia, nos estados do TO, MT e GO. A denominação Karajá é datada do ano de 1908, quando foi consagrada após sofrer diversas modificações, mas a autodenominação original dessa etnia sempre foi *Iny*, que na língua deles significa “Nós”. Hoje em dia grande parte da etnia Karajá tem contato com o português e o utilizam no seu cotidiano, como forma de facilitar o contato com os não indígenas.

Os Javaé são um dos poucos povos indígenas da antiga Capitania de Goiás que sobreviveram às capturas e grandes genocídios promovidos pelos bandeirantes, e, quanto à palavra javaé ou javaés, é uma denominação de origem desconhecida. Habitam o vale do rio Araguaia, em cujo médio curso está localizada a Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo.

A pescaria sempre foi o principal alimento dessa etnia, porém, quando está no período da cheia, os peixes e tartarugas ficam mais difíceis de ser capturados, então, a caça e os produtos agrícolas plantados no começo da chuva ganham um papel importante na alimentação. Nessa época, em que a população fica mais concentrada nas aldeias, é que se realiza o ritual de iniciação masculina, no qual se destaca o consumo de produtos agrícolas e de animais de caça.

Apos a identificação e análise de alguns rituais indígenas, relativos ao nascimento, casamento e morte, entre outros, durante os quais é recorrente o uso de uma indumentária elaborada, composta basicamente de pinturas corporais e plumagens. Sabe-se também que a pintura é usada por algumas etnias como uma forma de distinção de grupos sociais dentro de determinada sociedade indígena.

Considerações Finais

O que predominava e predomina muito na vestimenta desses povos são os ornamentos. Ou seja, a vestimenta variava, e ainda varia, muito de acordo com a ocasião. Na maioria das vezes, utilizam poucas roupas, muitos acessórios e muita pintura corporal. As roupas variam também de acordo com a localização, os costumes e as tradições de cada povo, além do clima e da temperatura.

A pintura corporal é mais que uma mera característica de manifestação cultural da humanidade, é parte integrante da formação da maioria das sociedades. Todo ritual indígena retratado nos corpos dos mesmos, na forma de pintura, é a expressão artística mais intensa dos índios.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Estadual de Goiás, pela oportunidade de ser bolsista da Iniciação Científica, PIBIC/UEG. A minha orientadora Poliene Soares Bicalho, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho e pela confiança. Obrigada!

Referências

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**: pesquisas de antropologia política. Brasil: Cosac & Naify, 1980. 223 p. Tradução de Paulo Neves.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naif, 2008. Tradução Beatriz Perrone-Moisés.

SILVA, Aracy Lopes. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (Orgs.) **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus** / Brasília, MEC/MAR/UNESCO, 1995.

GASPAR, Lúcia. *Trajes e adornos de índios brasileiros*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 22/03/16

LAGROU, Els. 2009. **Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: C/ Arte. 127p.

MANUEL FERREIRA LIMA FILHO. Karajá. Goiânia, 1999. **Instituto socioambiental | povos indígenas no brasil**. Disponível em: <<http://www.arara.fr/BBTRIBOKARAJA.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena, Linguagem Visual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

VIDAL, Lux. (Org.). **Grafismo Indígena. Estudos de Antropologia Estética.** São Paulo: Nobel / EDUSP, 1992.

BARROS, Maria Paulina. **A CONSTRUÇÃO DE UMA LINGUAGEM INDUMENTÁRIA ORNAMENTAL, RITUAL E MÁGICA: A PINTURA CORPORAL DOS ÍNDIOS KARAJÁ.** In: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/3-Coloquio-de-Moda_2007/1_01.pdf. 01/08/2016. 19:25hrs.